

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR



ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	\$600 "
Para o Brazil, por anno	2\$000 "
Para a Africa, por anno	1\$200 "
Numero avulso	30 "

Annunciam se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Alfredo Pires

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originaes sejam ou não publicados não se restituem.
Annuncios permanentes e communicados preço convencionado.

O verdadeiro mal

O mal de que enfermam os homens do nosso tempo nasce de que a maioria d'elles vive completamente fóra de todo o sentimento religioso, unica potencia susceptivel de orientar a actividade humana em um sentido razoavel.

Bom é accentuar desde já que ao falar de religião me não refiro ao dogma, ao rito, que podem constituir uma distração agradável, uma consolação, uma excitação. Falo d'esse nobre sentimento que estabelece a relação entre o homem e o Grande Todo, entre o homem e Deus, e que imprime á nossa actividade uma direcção superior, sem a qual o homem desce a um plano ainda mais baixo que o do proprio irracional.

O mal de que falo, e que nos conduz ao abysmo, accentua-se cada vez mais porque, depois de termos dirigido todas as nossas faculdades para as descobertas scientificas comensalmente explicadas, os homens do nosso tempo adquiriram um notavel ascendente sobre as forças da natureza, e a ausencia de uma orientação racional na applicação d'essas forças levou-os a empregar a satisfação dos seus mais vis, dos seus mais baixos instintos. Falho de religião e senhor d'essas forças o homem é qual outra creança brincando com a polvora ou com os gases inflammaveis.

Em face do espectáculo que offerece o poder dos homens e a detestavel applicação que d'elle fazem, dir-se-hia ser injustamente que a especie fructifera e tão bellas invenções modernas: caminhos de ferro, vapor, electricidade. . . Mais: o homem nem sequer tem o direito de trabalhar o ferro e o aço, visto que todas estas applicações da sciencia e da arte lhe servem apenas para satisfação da sua luxuria, para a mais desenfreada licença e para o eu reciproco exterminio.

Mas que fazer? Devemos acaso regeitar as modernas invenções? Impossivel! Por muito mau que seja o uso d'essas acquisições scientificas, o homem não poderia passar sem ellas. Será preciso modificar o regimen social que se tem vindo a formar atravez dos seculos e estabelecer outro melhor? Inventar novas instituições que obstem a que a minoria explore e engane a maioria? Popularisar a instrucção? Tudo isso tem sido ensaiado, e a tudo se recorre ainda com o maior zelo. Mas todas essas cousas servem apenas para nos atardir, para obstar a que tenhamos plena consciencia da nossa proxima perda. Modificam-se as fronteiras dos estados, mudam-se as instituições, universalisa-se a instrucção. Contudo os homens nas suas novas fronteiras, com as suas recentes instituições, com os seus amplos conhecimentos, continuam sendo as mesmas bestas-féras, promptas sempre a despedaçar-se a todo o instante, ou os mesmos escravos que sempre foram e serão enquanto se guiarem pelas paixões e procederem sob o imperio das suggestões em vez de o fazerem sob o influxo da consciencia religiosa.

O homem escolha: ou continua sendo o escravo d'outro escravo maior do que elle ou simplesmente o servo de Senhoôr, visto haver um só meio de ser livre, e esse meio consiste na identificação e harmonia da vontade propria com a vontade de Deus.

Os homens impios, uns negando a religião toda inteira, outros apenas as formulas exteriores e monstruosas que a substituem, todos elles victimas de suas paixões egoistas e do temor das leis humanas, não deixarão de ser bestas-féras ou escravos, e nenhum esforço exterior haverá que seja sufficiente para modificar a situação, de que apenas o verdadeiro sentimento religioso poderá libertal-o.

Ora a maioria dos homens do nosso tempo vive inteiramente fóra da influencia religiosa.

Tolstoi.

Simões d'Almeida

A este distincto artista—escultor e nosso querido patricio, um dos mais illustres filhos de Figueiró dos Vinhos, acaba de ser feita a justiça de nomeal-o director da Escola de Bellas Artes e seu respectivo museu.

Assim devia ser, porque o distincto artista, José Simões d'Almeida Junior, era de ha muitos annos o professor mais considerado da Academia de Bellas Artes, e a attestar o seu genio de artista tem o illustre figueiroense inumeros trabalhos que para inumeral-os nos faltaria espaço. O primeiro dos seus trabalhos que apresentou e em que logo revelou o seu genio de artista, foi em 1872, a celebre estatua do rei D. Sebastião, que foi adquirida por sua magestade el-rei D. Luiz I.

As suas obras tem sido admiradas no estrangeiro e algumas premiadas em exposições de varios paizes, onde o talentoso artista é muito conhecido e apreciado.

No Brazil existem do notavel artista, as seguintes estatuas:—«A Caridade», «S. Roque», «Vasco da Gama», «Camões», «Pedro Alvares Cabral» e «Infante D. Henrique».

Em Lisboa existem que nos lembrem as estatuas de:—«Duque da Terceira», na Praça do mesmo nome; a «Victoria», no monumento aos Restauradores; o «Christo», na capella onde repousam os restos mortaes de Alexandre Hercolano; no templo dos Jeronymos, em Belem, e varios bustos de portuguezes notaveis.

A redacção de «O Figueiroense», em seu nome e em nome dos patricios do laureado artista, felicitam-o pela sua nomeação de director da Escola de Bellas Artes, nomeação que honra tambem o ministro que a fez, como o talento, elevada illustração e são criterio do agraciado se encarregaram de demonstrar.

Recebei, pois, illustre filho de Figueiró dos Vinhos, sinceras felicitações pela justiça que vos foi feita, dos vossos patricios e admiradores.

Regressou a Pedrogão Grande na quarta feira d'esta semana, depois da sua viagem pelo estrangeiro, o abastado proprietario e capitalista d'aquella villa, sr. Antonio Lourenço da Silva.

MONUMENTO A MARQUEZ DE POMBAL

Como se sabe, de ha muito se vem falando entre os admiradores do immortal ministro de D. José I, que são todos os portuguezes mais ou menos illustres, e que tem conhecimento dos seus grandes feitos, o levantar-se-lhe um grande monumento por subscrição publica, na Avenida da Liberdade em Lisboa, monumento que fique attestando a sua grandiosa obra e a que de certo devemos um relativo bem-estar.

É necessario que o levantamento d'esse monumento em que ficará perpetuada a sua grande obra, lembrando aos nossos vindouros que não podem lêr na Historia os feitos, acções audazes e extraordinarias do grande patriota, do imminente e sublime ministro—Sebastião José de Carvalho e Mello.

Tratando-se pois de uma subscrição publica para erigir um monumento ao grande vulto politico, o maior que figura na nossa historia, nenhum portuguez, absolutamente nenhum, conforme as suas forças o permittam, deixará de contribuir para que se leve a effeito e com a brevidade que é para desejar, tão justa e devida homenagem.

Estamos certos que ninguem que possa deixará de contribuir para por essa fórma prestar homenagem á memoria do que tão alto levantou o nome da nossa nacionalidade, que tanto trabalhou pelo engrandecimento do seu paiz, que foi outr'ora de heroes e de valentes.

Entre os muitos rasgos de energia do Marquez de Pombal, conhecidos dos que lêem a historia, é importante o que segue:

«Muito melhor podemos nós passar sem vós, do que vós podeis passar sem nós: uma só lei pôde transformar vosso imperio. Não temos mais do que prohibir com pena de morte a sahida do vosso ouro e elle não sahirá. Verdade é que a isto . . .

deréis responder-me que apesar de todas as prohibições elle sempre sahirá, como tem sahido, porque vossos navios de guerra tem o privilegio de não serem revistados na sua sahida; mas não vos enganéis com isso; se eu fiz com que se degolasse um Duque d'Aveiro, porque attentou contra a vida d'El-Rei, mais facilmente farei enforcar um dos vossos capitães por levar Sua Effigie contra o determinado por lei. Ha tempos que nas monarchias um só homem pôde muito. Vós sabeis que Cromwell, em qualidade de protector da Republica Inglesa, fez morrer o irmão do embaixador de El-Rei Fidelissimo: sem ser Cromwell, eu me sinto tambem com poder de imitar o seu exemplo, em qualidade de ministro protector de Portugal.

Fazei logo o que deveis, que eu não farei tudo quanto posso.»

E' o caso que, em agosto de 1759, o almirante inglez Boscowen desrespeitando os deveres de neutralidade, perseguiu e capturou dois navios de guerra francezes, mesmo ao alcance da artilharia dos fortes de Lagos!

O Marquez de Pombal (então Conde de Oeiras), indignado com tal attentado á nossa bandeira e aos mais rudimentares principios de lealdade e cortezia, não demorou uma nota ao governo britannico sobre o assumpto.

Mas elle não respondeu.

Então Sebastião de Carvalho, remette-lhe outra tão enérgica, tão vibrante como se pôde avaliar pelo excerpto e ainda por estes períodos com que ella principiava:—

Vós fazies bem pequena figura na Europa, quando nós já a faziamos mui grande. Vossa ilha apenas formava um pequeno ponto sobre a carta geographica, ao passo que Portugal quasi a envolvia com seu nome. Nós dominavamos em Asia, Africa e America; entretanto vós não dominaveis se não uma pobre ilha da Europa, vosso poder era do numero d'aquelles que só podiam aspirar aos de segunda ordem..... Ha cincoenta annos a esta parte tendo tirado de Portugal mil e quinhentos milhões, somma enorme, e tal.....»

Esta nota teve uma prompta resposta, e o governo britannico enviou immediatamente á sua recepção um embaixador a Lisboa, com poderes e com o fim especial de dar ao governo portuguez, completas explicações e desculpas!

Ações como esta, extraordinarias, andazes, teve muitas o grande ministro, na sua historia abundam os seus rasgos de energia a attestar o zelo e dedicação que dedicava á administração do seu paiz.

E' pois um dever de todo o portuguez, contribuir com quanto as suas forças lhe permittam, para que se erija quanto antes uma estatua ao Marquez de Pombal.

E' a obrigação de todos os portuguezes, porque esquecer a sua grande obra seria um crime.

Oxalá que os vogaes da grande commissão encarregada de promover a subscripção para esse fim, se compenetrem da sua elevada missão a cumprir, empenhando-se por dar impulso aos trabalhos, tão immediato, quanto é para desejar.

O QUE EU PENSO DA GUERRA

pelo Conde Leão Tolstoi

Desenhava na minha phantasia ao ouvir falar d'aquelle grande pensador, um Tolstoi velho, decrepito, cheio de achaques, encostado ao seu inseparavel baculo, mortificado de saudades pelo mundo que vae deixar em breve, cheio de terrores pelos mysterios de alem-tumulo, penitenciando-se, mergulhando-se mezes e mezes no remanso do seu gabinete de trabalho, folheando velhos e fanaticos alfarabios, de que as suas entorpecidas facultades conservam vagas reminiscencias, e cujos caracteres os seus olhos envelhecidos mal divisam, escrevendo tetricas maximas, onde ha o que quer que seja de superstição e demencia; quando se me depara um livro seu, com o seu retrato—O que eu penso da guerra—que me faz ver quanto a imaginação me tinha illudido.

O Conde Leão Tolstoi é effectivamente um velho, de barba branca cahida sobre o peito, como os prophetas ou Jeovah das lendas biblicas, de sobrancelhas hirsutas e cabello inculto, mas robusto ainda, d'aquella robustez que é o premio d'uma vida austera, exemplar. Pulsos validos, pulsos ferreos, que de dia cultivam a terra que o alimenta, e á noite ao regressar ao lar—modelo de amor conjugal—nos escrevem essas paginas divinas, que os imaginarios anjos da nossa creença pareceriam ditar e que na sua simplicidade e sentimento, são uma philosophia colossal, «um furacão iconoclasta» que devastariam de vez todo esse mundo de dogmaticas mentiras, hypocrisias, velhos preconceitos e soezes idolatrias, se tudo isto não estivesse atrelado a esse monstro horrendo—a ignorancia!

«O que eu penso da guerra» é o brado d'uma consciencia sanissima, que a podridão d'este mundo não conseguiu manchar, antes a fortificou mais e mais. E' a synthese do Evangelho—«a guerra contra a guerra»,—livro de razão e amor!

Ouso por isso aconselhal-o aos leitores d'«O Figueiroense», consciencia de que é um notavel livro de sociologia religiosa, onde todos encontrarão um forte guia de educação moral, tão necessaria na actualidade.

Jorge.

Conceição e Silva

Esteve n'esta villa, no sabbado preterito, onde veio tratar de seus negocios, o abastado proprietario de Pedrogam Pequeno, sr. José Januario da Conceição e Silva.

Sua ex.^a, que ha 20 annos não visitava esta villa, sentiu agradavel impressão ao vêr os seus melhoramentos e aspecto que hoje apresenta, admirando tambem muito as bellezas naturaes de Figueiró e seus suburbios.

Como apreciador das obras de pintura e esculptura, sabemos que estimou vêr a igreja matriz de que muito gostou.

Foi acompanhado durante a sua estada aqui pelo seu velho amigo, sr. Manuel Rodrigues Perdigão, que o hospedou em sua casa.

PROFESSORADO PRIMARIO

No meio de grande entusiasmo e mutua cordialidade, tiveram tambem os professores do concelho de Pedrogam Grande, no dia 6 do corrente, a sua reunião na sede do concelho, a que presidio o digno professor da sede do concelho, José dos Santos Marques, e na qual constituiram o seu «Centro Escolar»; adheriram, incondicionalmente, á Representação que a classe vae dirigir ao Governo; nomearam o professor do Coentral, para, na qualidade de delegado especial, acompanhar a grande Commissão que vae a Lisboa entregar a mesma Representação aos poderes publicos; e, finalmente, resolveram fazer uma petição aos Senhores Deputados por este circulo eleitoral, no sentido de patrocinarem, perante o Governo e o Parlamento, a causa justissima do professorado primario portuguez, e ainda, no mesmo sentido, ao Ex.^{mo} Sr. Conde de Penha Garcia, tambem Deputado da Nação.

Foi uma reunião que deixou em todos os assistentes as melhores impressões, e confiamos que não será em vão que o professorado clama justiça, pois todos conhecem quão exiguos são os seus proventos e o desmantellamento das nossas escolas.

O grito de Gambetta «Aux écoles!» resôa ainda como uma trombeta sonora.

A's escolas, pois!

9-4-905.

Procissão dos Passos

Tem ámanhã logar n'esta villa, esta procissão, que costuma ser muito concorrida e por a qual, o povo d'este concelho tem grande devoção.

Prégará o sermão do Eneontro, bem como o do Calvario, o reverendo P.^e Manuel Mendes Gaspar, de Chão de Couce.

O tempo

Desde domingo preterito e depois de uma semana de sol quentissimo, tem n'esta região chovido com abundancia, beneficiando immenso a agricultura.

As videiras apresentam-se promettedoras, esperan-do-se por uma boa colheita, se o tempo lhe correr de feição.

«Ilustração Portuguesa»

Temos presente o numero 75 da *Ilustração Portuguesa*, que como os anteriores vem primorosamente recheado de magnificas gravuras e excellentes artigos litterarios.

Rezommendamos tão util publicação aos nossos leitores.

O *Seculo*, o *Supplemento Humoristico d'O Seculo* e a *Ilustração Portuguesa* podem obter-se por assignatura em globo pelo preço assombrosamente reduzido de 9\$000 reis por anno, 4\$500 reis por semestre, 2\$250 reis por trimestre ou 750 reis por mez.

Assigna-se na sede da empreza, rua Formosa, 43, Lisboa e nas estações telegrapho-postaes.

SECÇÃO LITTERARIA

O desterrado

O degredo, esta palavra que faz vacillar tantas vontades, abalar tantos corações e que tantas lagrimas tem feito verter, é uma das partes da herança que a natureza me legou. Desterrado, degradado, exilado, extraditado, é este o meu dever: desterrado da patria querida, degradado d'um ente que amo, exilado do prazer e extraditado da ventura foi, é e será o meu destino que tão implacavel, tem sido para commigo.

Chorae, pedras que ouvis os meus lamentos, para que as vossas lagrimas sirvam de lenitivo á minha dor: exultae, ó vós outros que não tendes que carpir tal desdita, para que seja mais tetrica a apparencia do phantasma que me persegue e martyrisa.

Mas não: não sou fatalista, não creio na intervenção do *Destino* na nossa felicidade, *sorte* ou bem-estar porque elle não existe; o que existe n'este mundo é uma candalosa torrente—a *sociedade*—que tudo arraza, tudo esfacela, tudo estilhaça e tudo fragmenta a seu bello-prazer sem temer as consequencias do futuro, sem um vislumbre de compaixão por aquelles que sacrificam na ara da sua hypocrisia.

Ah! um dia ha de chegar em que tu, ó monstro intemerato, has de saldar contas com aquelles que hoje choram e pranteiam a sua desdita no degredo que lhes indicaste e que coagiste a aceitar; um dia virá em que essa coacção se converta em liberdade, e, então, ai de ti...

Que mal te fiz para assim me castigares afastando-me de tudo que me é mais caro?

Não sei como posso conter um grito de revolta!...

Mas sei, sim! São as phalanges da tua esqueletica mão que, suffocando-me, m'o não deixam proferir.

E' assim que tratas os tristes como eu, os desprotegidos d'um sorriso de quem ama, d'uma caricia de mãe, d'um afago de amigo, d'uma esperanza animadora?

Se é assim, aborreço-te, detesto-te e abomino-te.

De que me serve a liberdade, se eu sou um agrilhoado escravo que azorragas sem piedade?

Magnates do imperio, quebrae as algemas ao escravo que tanto se humilha perante vós; revogae a sentença que o desterrou; lavae a sua manchada ventura e perfumae-a com a essencia da liberdade.

Não me attendeis? Sei o porquê. Porque quereis seguir a senda dos tyrannos, dos despotas que a nada se movem só para satisfazerem os vossos tão banaes como vãos e inuteis caprichos! Caprichae, sim, em restituir o desterrado á patria querida, o filho á mãe, o esposo á esposa, o amigo ao amigo e então todos unisonamente te bendirão e te acclamarão.

Se fosse possivel vêr-se o coração do desterrado quando se afasta da patria, santo Deus! que horripilante espectáculo se não desenrolaria á nossa vista já tão atormentada pelas lagrimas do desgraçado, do triste que, sombrio, parte sem attentar no que o rodeia, passando por tudo com indifferença, desligado de tudo que o cerca para pensar só no

que deixou — mãe, esposa, ou filhos!!
Ah! só de pensar n'isto sinto-me
vertiginoso, acobronhado pelo soffri-
mento, pela dôr e pelo frenesi.

Nada ha mais baixo, mais vil,
mais abjecto e mais ignobil do que
algemar a liberdade, coartando-lhe
a acção e os direitos adquiridos.

Sois vós, potentados, que em to-
do mandaes e imperaes; mandae,
pois, que o desterrado volte para a
patria querida em cujo ambiente
existe o que no mundo mais es-
tima.

Mangerona.

Tres cantos

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia,
Nos folguedos d'innocencia,
Nos delirios de creança;
A alma que desabrocha,
Alegre, candida e pura,
N'essa continua ventura
E' todo um hymno: — Esperança!

Depois, na quadra ditosa,
No fogo da juventude,
Quando o peito é um alaúde
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, fogosa e bella,
Idoladrando a donzella,
Soletta em trovas: — Amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade;
Então a alma cançada
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida,
Só tem um canto: — Saudade!

Casimiro d'Abreu.

Esteve n'esta villa, no dia 12 do
corrente, o nosso amigo e assignan-
te, sr. José Pires Coelho David, di-
gno receptor do concelho de Pe-
drogam Grande.

Pelo Tribunal

Audiencia de 10 de Abril.

Distribuição

Acção ordinaria.—Auctor: João
Henriques Lopes, da Bouca d'Alva-
res.—Réus: Sacramento Henriques
Serrano e mulher, da Corga da Car-
valha.

2.º officio. Escrivão, *Buraca*.

Inventario orphanologico por obi-
to de Maria da Silva, moradora que
foi na Salaborda Nova.

3.º officio. Escrivão, *Carvalho*.

Carta precatória para inquirição,
vinda da comarca de Cêa, extrahi-
da da acção commercial requerida
pela firma—Abrantes & Filho—
contra Manuel Francisco Antunes e
outros, da Castanheira de Pera.

1.º officio. Escrivão, *Jardim*.

Regressou da Ilha do Principe
a esta villa, o sr. Antonio Simões
d'Almeida.

O ninho das gallinhas

Geralmente faz-se o ninho das
gallinhas chocas com palha; é um
erro. A palha não tem, nem conserva
o calor, d'ahi o perderem-se mui-
tos ovos. Façam pois o ninho do se-
guinte modo: n'um caixão, cesto ou
mesmo no chão (sitio enxuto), além
de uma camada de terra bem secca,
pôr sobre esta, outra camada de
cinza, e depois uma camada de fe-
tos, ou folhas seccas, e eis um ni-
nho, onde ha e se conserva o calor,
com mais a grande vantagem de
destruir pela cinza o piolho, tão pre-
judicial á gallinha e depois aos pin-
tinhos.

ANNUNCIOS

Dinheiro

Dá-se a juro a quantia de

um conto a um conto e qui-
ntentos mil reis, com boa ga-
rantia em predios.

N'esta redacção se diz.

VENDE-SE:

Um
carro de bois, com todos os
seus pertences; um porco gor-
do, e mais tres porcos, sendo
um grande e dois de menos de
anno.

Quem pretender, dirija-se a
—José Maria Curado—
d'esta villa.

CASA DE  CONFIANÇA

Esta casa vende por preços
baratissimos:—Relogios de sa-
la, dictos de bolso, e objectos
de ouro e prata.

Vende tambem *machinas de
costura*, e todos os accessorios
para as mesmas.

Executam-se concertos em
toda a qualidade de relógios,
machinas de costura, e em to-
dos os objectos de ouro e pra-
ta, ficando perfeitos.

Todos os objectos são ga-
rantidos, restituído-se a impor-
tancia por inteiro, ao freguez,
no prazo de 15 dias, quando
prove que foi *burlado*, tanto na
qualidade do objecto como no
preço.

David—Relojoeiro

Figueiró dos Vinhos.

Machinas de costura

Vendem-se muito baratas, cozen-
do perfeitamente, recebendo-se em
troca machinas inutilizadas.

Tambem vende oleo de 1.ª quali-
dade, agulhas para todas as machi-
nas, correias, chaves, mezas e todas
as peças necessarias.

DAVID—RELOJOEIRO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Officina de Canteiro

DE

BERNARDINO DE FREITAS

CORREIO DOS CABAÇOS

CORTIÇA

Fornece cantarias com ornatos ou
sem elles, á vontade e gosto do fre-
guez.

Tambem se encarrega da cons-
trucção de jazigos, por planta á vis-
ta, fornecida por elle ou pelo fre-
guez.

Preços convencioneados, mas
sem competencia.

Manuel dos Santos

CEICEIRA — ALVAIAZERE

Participa a todos os seus es-
timaveis amigos e freguezes,
que estando munido com pe-
dra de primeira qualidade, se
obriga a fornecer por rezumi-
dos preços, toda a qualidade
de obra em cantaria no gosto
que o freguez desejar.

Tambem se encarrega de
construcções ou edificações de
quaesquer obras com planta
ou sem ella.

santa para o culto das almas nobres e apaixonadas pelo
sublime do martyrio.

Por ventura, pôde o senhor comprehender a situação de
um homem, que tem desmaiada nos braços aquella por
quem fôra atraído?... Não é bastante comprehender
isto; é necessario compenetrar-se mais da minha situa-
ção...

Martha illudira-me... ou illudira-se; Martha desprezara-
me com cynismo indigno de sua idade; Martha escarnece-
ra as loucuras que me sacrificaram a ella; Martha desmaiara,
adivinhando a morte do meu rival... Comprehen-
de por ventura agora o tormento indefinivel da minha situa-
ção?... Não comprehende, porque se eu lhe disser
que n'aquelle t'anse original o meu sentimento era a pie-
dade... se eu lhe disser que déra a minha vida pela do
rival assassinado, com tanto que Martha não fôsse assim
desgraçada... o senhor, por certo, não concebe este phe-
nomeno, este sacrificio... esta monstruosidade de resigna-
ção... Quem sabe!... a sociedade capitular-me-ia de im-
becil, e o meu amigo, por muito favor, conceder-me-á a
celebridade dos tolos inoffensivos, não é assim?

Não lhe respondi; mas aqui me puno, confessando que
D João me adivinhára. Córrei, de certo, quando fui sur-
prehendido no segredo dos meus juizos. Nada menos li-
sonjeiro que o meu silencio para o pobre velho! Era de
certo um pungente assentimento á sua conjectura! A dôr
é generosa, e cala as affrontas. Reconheço hoje que ultrajei
aquelle grande sacrificio, que comprehendo agora. Se
não reeasse mesclar com a gravidade melancolica d'esta
narrativa um anexim popular e graciosamente philosophico,
diria que o diabo não quiz nada com os rapazes, e D.
João de Noronha, de certo, não era mais privilegiado que
Lucifer para tirar de mim nelhor partido.

D. João proseguiu:

«A familia de Martha veio encontrar-me, com ella nos
braços. A mãe, que prophetisára, em seus virtuosos pre-

III

Heitor Correia, reanimado pelos alentos de desespera-
ção, ergueu-se, e esgrimiu ainda o florete com braço im-
potente. Mesquita, ferido n'um braço, afastou-lhe os bo-
tes, com admiravel presença de espirito.

O duello em Villa Real era uma cousa nova. O facto,
em um dia tal, redobrava de escandalo. Não se atravessa-
vam as multidões espessas, que reprovavam ruidosamente
um tamanho desacato. A causa do seu espanto não era a
moral ultrajada, nem a perda voluntaria da vida. Dava-se
como razão suprema de tal algazarra estar exposto o Santis-
simo Sacramento, quando dois homens se cortavam a
ferro frio.

As auctoridades, conscias do acontecimento, deram or-
dens immediatas de captura. Estas ordens não podiam ser
cumpridas por meirinhos; e não houve desgraçadamente
auctoridade militar que capturasse os duellistas.

Heitor Corrêa, exhausto de forças, perdidas no sangue,
que os recursos da cirurgia não estancára, desmaiou, e deu
symptomas de morto. O alferes de cavallaria, ligeiramen-
te ferido no braço, curava-se n'uma botica, affectando um
ar de placidez que indignava as turbas, tumultuosas na
rua. D'entre ellas saíam gritos terriveis de «morra!» Os
que assim gritavam diziam que estava exposto o Santis-
simo Sacramento; e, por tanto, não podiam deixar de matar
o impio que desacatára, em quinta feira santa, a solemnidade
da paixão de Christo. Como elles saciavam a sede
de sangue com o fervor beatifico das crenças, explicam-no
milhares de factos semelhantes que acompanham sempre
a edificante historia dos muitos austeros auctores da inte-
gridade religiosa, tanto em Roma, como em Constantinopla.

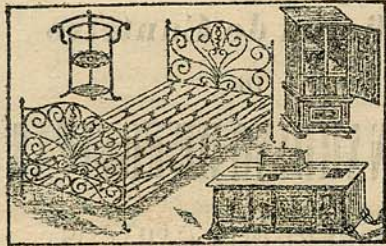
Fernando Corrêa, irmão de Heitor, estava á janella quan-
do viu entrar seu irmão nos braços de dois soldados.

Desceu ao atrio, e interrogou o facto. Contaram-lhe,
com as mais irritantes circumstancias, o acontecimento.

NA LOJA
DOS
QUATRO GLOBOS



FIGUEIRO DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda **camas de ferro a 2\$000**, ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionais e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relogios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competitor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

ARITMETICA PRATICA

por **ADELINO LOPES CARREIRA**

A mais pratica, mais completa e que é adoptada em diversas escolas officiaes secundarias, como na «Rodrigues Sampaio» e Casa Pia, de Lisboa; na Escola de Telegraphia do Porto, e outras.

Encontra-se á venda em varias livrarias de Lisboa e Porto, podendo pedil-as ao editor—Francisco Antonio d'Aguiar, em Figueiró dos Vinhos, e á livraria—Avellar Machado—

em Lisboa, as livrarias que ainda a nao tenham.

LEONOR TELLS

SENSACIONAL ROMANCE HISTORICO

por **MARCELINO MESQUITA**

O popular auctor do drama com igual titulo, representado innumeraz vezes e applaudido enthusistica e delirantemente nos theatros *D. Maria* e *D. Amelia*, acaba de firmar contracto com «**A Editora**» para a publicação d'este seu novo original, verdadeira obra prima litteraria da actualidade.

Grande edição de luxo profusa-

mente illustrada com gravuras de pagina a 12 côres, por Mannel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Caderneta semanal de 24 paginas e 1 chromo ou 32 paginas de texto—60 réis.—Tomo mensal, 300 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes—Um exemplar «gratis» a quem enviar a importancia de 10 cadernetas, tomos ou volumes.

Em publicação na «**A Editora**»—Largo do Conde Barão, 50—Lisboa.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras do reino.

Rudimentos de Agricultura Pratica

por

D. LUIZ DE CASTRO

Agronomo e lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria

Livro profusamente illustrado, 250 réis

Edição esmerada da Livraria Ferim de Lisboa

Approvado pela commissão da escolha de livros

Os pedidos d'este livro e da Chographia, de Raposo Botelho, podem ser feitos á redacção d'este jornal.

Os Dramas da Côrte

(Chronica do reinado de Luiz XV)

ROMANCE HISTORICO

DE

E. LABOUCETTE

A côrte de Luiz XV, com todos os seus esplendores e miserias, é descrita magistralmente pelo auctor d'**O BASTARDO DA RAINHA** nas paginas do seu novo livro, destinado sem duvida a alcançar entre nós

exito equal áquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanaes de 15 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de pagina, e constará apenas de 2 volumes.

20 réis o fasciculo
100 réis o tomo

2 VALIOSOS BRINDES
a todos os assignantes

Pedidos á—

Bibliotheca Popular

(Empreza Editora)

Rua da Rosa, 162—LISBOA

A AMBICÃO D'UM REI

por **Eduardo de Noronha**

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar gratis a quem remetter adeantadamente a esta empreza a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

«**A Editora**»—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

Fernando, sem attender a supplicas da familia, e de amigos prudentes, saiu de casa, tal qual estava, embrulhado n'um capote. Mas, debaixo d'este capote, levava um bacamarte.

Quando chegou á entrada da *rua do Jogo da Bolla*, viu um grupo de povo, que parecia vedar a saída de uma botica. Lá dentro estava Pedro de Mesquita, a quem faltára a coragem para afrontar a força bruta da população.

Em frente d'essa botica morava a infeliz Martha, a attribulada amante d'aquelle homem, que alli estava ameaçado das iras da plebe, tigre desenfreado da licença, n'aquelles dias de escravidão, logo que um acaso lhe alargasse um pouco as algemas.

Fernando Corrêa abriu uma clareira entre a multidão. Descobriram-se todos, exclamando: «Chega o fidalgo! deixem passar o fidalgo».

E o fidalgo entrou, perguntando quem era o assassino de seu irmão.

—Assassino... não!...—respondeu o alferes.—Fui eu quem o feri, e honro-me de ser ferido pelo cavalheiro com quem me bati.

Fernando Corrêa, estúpido como fatalmente são os que podem contar muitos avós robustos de musculos e nenhum de vigor intellectual, não comprehendeu a delicadeza d'aquelle resposta. O que elle praticou é um acto de barbaridade, que envergonha a especie humana. Recuou um passo atraz, aperrou o bacamarte, e despejou-lh'o, á queima roupa, no peito.

Foi horrivel, senhor! Foi esse um lance, que eu tenho aqui diante de meus olhos, noite e dia, porque n'esse instante ouvi um grito de arripiar as carnes. Era Martha que caíra, com a face na lage da janella, fulminada pela angustia mais atroz, e mais inconcebivel, dos tormentos possíveis n'esta vida.

Voltaram-se todos para aquella janella, e viram-me... a mim, que subira, alentado pela coragem da minha dôr,

as escadas d'aquelle casa, e levantára da janella a pobre menina, que julguei morta. Olhei em redor de mim... não vi ninguém, excepto uma creada, que chorava; perplexa, sem atinar com o que devia fazer. A familia, a essa hora, na egreja da *Misericordia*, orava, talvez, á Virgem protectora das virgens...

Fernando, consumado o assassino, saiu galhardamente por entre as turbas, que saudavam o nobre algoz. A paralyisia do terror gelára os poucos que lhe reprovavam a infamia. Ninguém ousou, sequer, lembrar-lhe que aquelle sangue lhe tingia os pergaminhos!

O nobre amante de Martha, foi conduzido ao quartel. O seu ultimo lance de olhos n'esta vida, viram-n'o todos fixar se na janella da infeliz. Depois... fechou-os, e fechou-os para sempre.

Passada uma hora, Fernando Corrêa, montado n'uma possante mula, e seguido de um creado, e dois bacamartes, passava em *Almodena*, caminho de Lisboa. E, para que esta circumstancia me não esqueça, dir-lhe-hei que, um mez depois, o assassino, impune pelo privilegio dos seus pergaminhos, entrava em Villa Real, com um alvará de real mercê, que o isentava de responder pela morte de Pedro de Mesquita.

O povo, desde esse dia, vergava respeitosamente a cabeça ao fidalgo, que passava soberbo por entre aquelles que lhe liam na face a altivez do assassino, que zombára da lei.

Heitor Corrêa... esse foi enterado no mesmo dia, em que os sinos dobravam por alma de Pedro de Mesquita.

IV

E' necessario falarmos de Martha... E' a luz unica d'este quadro negro...

Nem a historia merecia a pena de ser ouvida, se não tivesse um heroismo de virtude para a admiração, e uma